

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

Clubes de leitura e bibliotecas de Ensino Superior: aliados no desenvolvimento do pensamento crítico.

Cristina Domínguez-Iglesias, Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo, <https://orcid.org/0009-0000-4698-2554>, Portugal, cristinaiglesias@ese.ipv.pt

Resumo

O artigo examina o papel das bibliotecas de Ensino Superior como agentes pedagógicos complementares à educação formal, destacando a sua contribuição no desenvolvimento do pensamento crítico entre os estudantes universitários, por meio da criação e implementação de clubes de leitura. Neste contexto, as bibliotecas assumem uma função ativa na formação de cidadãos críticos, refletindo o seu papel como centros de inovação pedagógica.

Os clubes de leitura no Ensino Superior representam uma prática pedagógica de educação não formal, na qual se abordam temas contemporâneos, num cenário em que a sobrecarga informativa na *internet*, a proliferação de notícias falsas e a polarização política se tornam desafios constantes para a formação académica e cidadã. A disseminação de opiniões desinformadas, muitas vezes desprovidas de base científica ou social, sublinha a necessidade urgente de práticas que incentivem a análise crítica das fontes e a construção de conhecimento autêntico. Perante este cenário torna-se necessário adotar metodologias para a reflexão profunda, a partilha de ideias e o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais para a cidadania digital.

As práticas relatadas no artigo evidenciam que os clubes de leitura não só são amplamente valorizados pelos estudantes, mas também oferecem uma plataforma eficaz para o desenvolvimento de competências de cidadania, argumentação e raciocínio autónomo. Além disso, a interação e o debate entre os participantes contribuem para o fortalecimento do sentido de comunidade académica e para a promoção da diversidade de opiniões, fatores essenciais para a formação de um pensamento independente e responsável.

Por fim, o artigo também destaca a relevância das bibliotecas de Ensino Superior como agentes educativos que, ao integrar o conceito de literacia da informação, promovem a resistência à desinformação e favorecem a criação de ambientes de aprendizagem colaborativa.

Palavras-chave

Bibliotecas Ensino Superior; Pensamento crítico; Clubes de leitura; Ensino Superior;

Resumen

El artículo examina el papel de las bibliotecas universitarias como agentes pedagógicos complementarios a la educación formal, destacando su contribución en el desarrollo del pensamiento crítico entre los estudiantes universitarios, a través de la creación e implementación de clubes de

lectura. En este contexto, las bibliotecas asumen una función activa en la formación de ciudadanos críticos, reflejando su papel como centros de innovación pedagógica.

Los clubes de lectura en la educación universitaria representan una práctica pedagógica de educación no formal, en la que se abordan temas contemporáneos en un escenario donde la sobrecarga informativa en internet, la proliferación de noticias falsas y la polarización política constituyen desafíos constantes para la formación académica y ciudadana. La diseminación de opiniones desinformadas, a menudo carentes de base científica o social, subraya la necesidad urgente de prácticas que fomenten el análisis crítico de las fuentes y la construcción de conocimiento auténtico. En este sentido, los clubes de lectura surgen como espacios privilegiados para la reflexión profunda, el intercambio de ideas y el desarrollo de habilidades cognitivas esenciales para la ciudadanía digital.

Las prácticas relatadas en el artículo evidencian que los clubes de lectura no solo son ampliamente valorados por los estudiantes, sino que también ofrecen una plataforma eficaz para el desarrollo de competencias de ciudadanía activa, argumentación y pensamiento crítico. Además, la interacción y el debate entre los participantes contribuyen al fortalecimiento del sentido de comunidad académica y a la promoción de la diversidad de opiniones, factores esenciales para la formación de un pensamiento independiente y responsable.

Por último, el artículo también destaca la relevancia de las bibliotecas universitarias como espacios que, al integrar el concepto de alfabetización informacional, promueven la resistencia a la desinformación y favorecen la creación de entornos de aprendizaje colaborativo.

Palabras clave

Bibliotecas universitarias; Pensamiento crítico; Clubes de lectura; Educación Superior

Abstract

This article examines the role of Higher Education libraries as pedagogical agents that complement formal education, highlighting their contribution to the development of critical thinking among university students through the creation and implementation of reading clubs. In this context, libraries take on an active role in the formation of critical citizens, reflecting their position as centres of pedagogical innovation.

Reading clubs in Higher Education represent a non-formal educational practice in which contemporary issues are addressed in a context marked by information overload, the proliferation of fake news, and political polarisation, persistent challenges to academic and civic education. The spread of misinformed opinions, often lacking scientific or social foundation, underscores the urgent need for practices that foster critical analysis of sources and the construction of authentic knowledge. In this sense, reading clubs emerge as privileged spaces for deep reflection, debate, and the development of cognitive skills essential to digital citizenship.

The practices discussed in this article show that reading clubs are not only highly valued by students, but also provide an effective platform for developing citizenship, argumentation, and critical thinking skills. Furthermore, interaction and debate among participants contribute to strengthening the sense of academic community and encouraging diverse perspectives, both essential to the formation of independent and responsible thinking.

Finally, the article also highlights the relevance of university libraries as spaces that, by integrating the concept of information literacy, promote resistance to disinformation and support the creation of collaborative learning environments.

Keywords

Higher Education libraries; Critical thinking; Reading clubs; Higher Education

Introdução

No atual contexto académico do Ensino Superior, deparamo-nos com desafios sem precedentes na história da humanidade, que colocam à prova tanto a estrutura institucional como a capacidade dos estudantes para desenvolver pensamento crítico. A transformação digital acelerada, a democratização do acesso à informação e a constante exposição de conteúdo nas redes sociais trouxeram consigo fenómenos paradoxais: se por um lado, a informação está mais disponível do que nunca, por outro, a capacidade de avaliar criticamente parece diminuir. A sobrecarga informacional, a proliferação de conteúdos digitais de baixa qualidade e o fenómeno das “notícias falsas” resultam de uma utilização massiva e acrítica da internet e das redes sociais. A estes fenómenos junta-se a chamada era da “pós-verdade”, em que a credibilidade é frequentemente atribuída à opinião ou à emoção, em detrimento da verificação factual ou da análise racional. Neste cenário, o pensamento crítico revela-se mais urgente do que nunca.

Como sublinha Carr (2010), o uso intensivo da internet está a transformar os nossos hábitos mentais, tornando-nos leitores mais rápidos, porém menos reflexivos. A sua tese, baseada em investigações interdisciplinares, alerta para a substituição do pensamento profundo por uma atenção fragmentada, com implicações sérias para a educação e para o desenvolvimento do pensamento crítico. Neste contexto, os clubes de leitura podem ser entendidos como espaços contra-hegemónicos, que reabilitam a leitura lenta, a concentração sustentada e o diálogo crítico, competências cada vez mais escassas num ecossistema digital dominado pela velocidade e pela superficialidade.

Simultaneamente, a pressão académica e a crescente dificuldade de concentração dos estudantes contribuem para a disseminação de estratégias de trabalho orientadas pelo princípio do “mínimo esforço – máxima gratificação” Saiz (2020), facilitadas pelo uso de ferramentas baseadas em modelos de linguagem de larga escala (LLMs), comumente designadas por “inteligência artificial”. O recurso a soluções automatizadas para responder a exigências académicas levanta questões éticas e pedagógicas sobre a autonomia intelectual, a integridade e o compromisso com a aprendizagem. Este contexto desafia os educadores e as instituições a criar alternativas pedagógicas que favoreçam uma atitude ativa e reflexiva perante o conhecimento, para além dos conteúdos e dos resultados imediatos.

De acordo com Paul e Elder (2014), o pensamento crítico é o processo de analisar e avaliar o pensamento com o propósito de o melhorar. Esta definição implica a capacidade de raciocinar de forma lógica, de questionar pressupostos, de considerar diferentes pontos de vista e de tomar decisões fundamentadas com base em critérios intelectualmente rigorosos. Os autores defendem que o pensamento crítico exige domínio de padrões universais, como a clareza, a exatidão, a pertinência, a profundidade e a imparcialidade, e pressupõe disposições intelectuais como a humildade, a coragem, a empatia, a integridade e a perseverança. Assim, pensar criticamente não é apenas raciocinar bem, mas também desenvolver uma atitude ética perante o conhecimento e a sociedade.

A promoção do pensamento crítico no Ensino Superior não deve limitar-se a intervenções pontuais em disciplinas isoladas, mas deve antes integrar-se numa visão educativa mais abrangente e coerente. Como refere Saiz (2020), o pensamento crítico é uma competência complexa que requer treino deliberado e sistemático, com recursos, tempo e acompanhamento adequados. O autor sublinha que, para que os estudantes se tornem pensadores críticos eficazes, é necessário desenvolverem tanto habilidades cognitivas, como atitudes metacognitivas, num ambiente que valorize a reflexão, a dúvida construtiva e o confronto de ideias. No entanto, os currículos académicos, cada vez mais orientados

para a produtividade e a mensurabilidade, nem sempre favorecem este tipo de aprendizagem profunda.

Neste contexto, importa considerar alternativas pedagógicas que operem fora dos limites formais da sala de aula. A educação não formal, desenvolvida em contextos mais flexíveis e horizontais, permite a experimentação de práticas pedagógicas centradas no sujeito e nos processos de diálogo e colaboração. As bibliotecas de Ensino Superior, para além do seu papel tradicional de disponibilização e organização da informação, têm vindo a se afincarem dentro da academia como espaços de aprendizagem ativa e inclusivos para todo o tipo de alunos. Como lugares de encontro entre conhecimento e comunidade, entre mediação e autonomia, as bibliotecas podem assumir um papel central na promoção de competências críticas, através da criação de contextos informais, mas intencionalmente formativos.

Neste sentido, os clubes de leitura emergem como estratégias particularmente eficazes para fomentar a análise fundamentada no Ensino Superior. Ao promoverem a leitura partilhada e a exploração de ideias em ambiente informal, inclusivo e não avaliativo, estas comunidades favorecem o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais essenciais para a análise crítica do mundo. A leitura em grupo estimula a escuta ativa, o respeito pela diferença, a expressão argumentada de opiniões e a construção colaborativa de sentido. Além disso, os clubes de leitura promovem o pensamento profundo, contrariando o ritmo acelerado da cultura digital. Ao ler, interpretar e discutir em conjunto, os estudantes são convidados a ativar as suas experiências, estabelecer inferências e consequentemente, elaborar pensamentos próprios.

Estudos recentes têm apontado os clubes de leitura como lugares de resistência crítica e de fortalecimento de comunidades de aprendizagem, nomeadamente em contextos universitários. Por exemplo, o artigo *“Vigilância, dados e desinformação: o clube de leitura como exercício de resistência”* Domínguez-Iglesias (2025), demonstra como a leitura partilhada pode constituir uma prática subversiva, ao promover a análise crítica das narrativas dominantes e o questionamento dos discursos mediáticos. Nestes espaços, a literatura torna-se um pretexto para a reflexão sobre temas contemporâneos, como a vigilância digital, as desigualdades sociais, a exclusão simbólica e a ética da informação, sempre numa lógica de diálogo emancipadora.

Neste artigo, propõe-se refletir sobre o papel dos clubes de leitura promovidos a partir das bibliotecas de Ensino Superior como práticas de educação não formal com potencial transformador no contexto das instituições de Ensino Superior em Portugal. Por meio de uma revisão teórica e da análise de práticas emergentes, pretende-se analisar como estes clubes podem funcionar como laboratórios de pensamento crítico, onde os estudantes são incentivados a pensar por si próprios, a escutar o outro e a participar ativamente na construção de saberes partilhados. Considera-se que, ao fomentar o gosto pela leitura e o diálogo, os clubes de leitura contribuem para formar estudantes mais conscientes, mais reflexivos e mais preparados para enfrentar os desafios intelectuais, éticos e sociais do presente.

Revisão da Literatura

A crescente preocupação com a redução do raciocínio autónomo nos estudantes do Ensino Superior tem motivado abordagens inovadoras por parte das bibliotecas universitárias, que procuram ir além das tarefas tradicionais associadas a este tipo de serviços. Neste contexto, os clubes de leitura criados pelas bibliotecas de Ensino Superior têm vindo a consolidar-se como ambientes propícios para o diálogo, a reflexão e o desenvolvimento intelectual. Diversos estudos têm explorado o seu potencial pedagógico, oferecendo perspetivas complementares que fundamentam a sua implementação em instituições de Ensino Superior.

Clubes de leitura: pedagogia crítica e participação

Azevedo (2023), na sua obra “Práticas de promoção da leitura no Ensino Superior: a estratégia metodológica dos Clubes de Leitura”, apresenta uma experiência desenvolvida na Universidade do Minho que ilustra a eficácia dos clubes de leitura como prática de educação não formal. Sustentado numa abordagem dialógica e horizontal, o autor defende que a leitura partilhada em ambiente académico, mas não avaliativo, “incentiva a análise crítica e a interpretação pessoal. A discussão em grupo amplia a compreensão dos participantes, oferecendo diferentes pontos de vista e enriquecendo a experiência de leitura”. Azevedo observa que os clubes de leitura “fomentam habilidades críticas, empatia literária e uma compreensão mais profunda do papel transformador que os livros podem desempenhar na vida dos leitores”.

Esta perspetiva articula-se com a visão proposta por Domínguez-Iglesias (2025), no artigo “Vigilância, dados e desinformação: o clube de leitura como exercício de resistência”, onde é enfatizado o papel dos clubes de leitura como defensores do exercício intelectual, promotores da empatia entre os participantes dos clubes, e o discurso fundamentado. Segundo a autora, estes grupos constituem formas de resistência simbólica ao ruído informacional e à lógica da vigilância algorítmica, promovendo uma leitura crítica que questiona a desinformação e os mecanismos de controlo digital. Ao propor clubes de leitura como atos de cidadania crítica, a autora sublinha a sua relevância na formação de sujeitos conscientes, participativos e atentos à complexidade da realidade contemporânea.

Literatura, interpretação e construção de sentido

As propostas anteriores encontram eco na obra clássica de Rosenblatt, “Literature as Exploration” (1938), onde se defende a leitura literária como uma experiência estética e de transação. Para a autora, o significado do texto não reside apenas nas suas estruturas linguísticas, mas emerge da relação entre o leitor e a obra, num processo dinâmico de interpretação por parte do leitor. Esta abordagem enfatiza a importância da subjetividade, da escuta do outro e da criação de novas reflexões, princípios centrais também nas dinâmicas dos clubes de leitura. Ao incentivar os estudantes a posicionarem-se criticamente perante o texto e a refletirem sobre as suas próprias ideias, os clubes promovem um tipo de leitura que está na base do pensamento crítico.

Harvey Daniels, em *Literature Circles: Voice and Choice in Book Clubs & Reading Groups* (2002), reforça esta perspetiva ao propor modelos de círculos de leitura onde a escolha do livro, a divisão de papéis e a discussão em pequenos grupos promovem a autonomia dos leitores. Daniels defende que a voz ativa dos estudantes no processo de leitura aumenta a sua motivação e compromisso de participação, ao mesmo tempo que os desafia a argumentar, ouvir e reconstruir as suas interpretações com base no confronto de ideias.

Entre literacia crítica e pensamento reflexivo

Para além do plano literário, os clubes de leitura podem constituir-se como práticas eficazes de desenvolvimento da literacia crítica, conceito desenvolvido por autores como James Elmborg. No seu artigo “Critical Information Literacy: Implications for Instructional Practice (2006)”, Elmborg critica uma visão instrumental da literacia da informação e propõe uma abordagem que privilegia o contexto social, cultural e político da produção e circulação da informação. Neste sentido, os clubes de leitura, ao fomentarem a análise crítica de discursos, narrativas e estruturas simbólicas, alinham-se com a literacia crítica enquanto prática transformadora e libertadora.

Do ponto de vista cognitivo, Saiz (2020), em “Pensamiento crítico y eficacia”, oferece um contributo relevante ao sublinhar que o pensamento crítico exige treino deliberado e sistemático. O autor distingue entre “pensamento espontâneo” e “pensamento crítico eficaz”, defendendo que o último depende do desenvolvimento de competências como a argumentação lógica, a identificação de falácias, a avaliação de fontes e a capacidade de tomar decisões fundamentadas. Neste quadro, os clubes de leitura podem ser concebidos como laboratórios informais de raciocínio autónomo fundamentado, onde os estudantes são expostos a desafios interpretativos, dilemas morais e pontos de vista divergentes, num ambiente cooperativo, seguro, mas, ao mesmo tempo, desafiador.

Este papel formativo dos clubes também é explorado por Hales, Hasselquist e Durr (2020), no artigo “Using Book Clubs to Support Inquiry in Teacher Education”, em que os autores demonstram como os clubes de leitura, aplicados à formação de professores, favorecem a reflexão pedagógica, o questionamento de práticas instituídas e o desenvolvimento de uma postura crítica sobre os conteúdos curriculares. Os autores sublinham que a leitura partilhada permite aos futuros docentes integrar perspetivas múltiplas, aprofundar a compreensão de temas complexos e desenvolver a empatia como ferramenta educativa.

Nesta mesma linha de raciocínio, Sanches, Antunes e Lopes (2021) reconhecem o potencial dos clubes de leitura para fomentar o pensamento crítico no Ensino Superior. Os autores sublinham que:

“Shared literary reading, particularly in reading groups, fosters literacy, critical thinking, helps curb the decline in reading habits, and increases the ability to concentrate and contemplate, while stimulating the mind, and spirit, and students' imagination [...]. Therefore, each group facilitator has scope to create, through the direct relationship with the group, renewed readings, uniting interpretations, and establishing the relationships between the various moments in a fluid way.” (Sanches, Antunes & Lopes, 2020, p. 40)

Esta perspetiva reforça a ideia de que os clubes de leitura funcionam como práticas críticas situadas, onde a experiência da leitura se transforma num exercício de análise, partilha e construção de significados. A natureza relacional destes clubes, mediados por facilitadores atentos à diversidade e à escuta ativa, permite uma abordagem renovada à formação leitora e à cidadania crítica. Além disso, a própria estrutura horizontal dos clubes favorece um ambiente de confiança e de tomada de palavra, estimulando nos participantes a autonomia intelectual e o envolvimento ativo no processo formativo.

Literacia da informação no Ensino Superior: uma prática crítica e formativa

A literacia da informação, entendida como um conjunto articulado de competências que permitem aos indivíduos reconhecer a necessidade de informação, aceder a fontes relevantes, avaliar a credibilidade dos conteúdos e utilizá-los de forma ética e eficaz, constitui uma dimensão essencial da formação académica contemporânea. No contexto do Ensino Superior, esta literacia assume um papel estruturante no desenvolvimento da análise fundamentada, ao fomentar a capacidade dos estudantes para analisar, interpretar e transformar informação em conhecimento.

Segundo o Referencial da literacia da informação para o ensino superior: versão portuguesa, de Sanches, Antunes e Lopes (2022), a literacia da informação deve ser concebida não apenas como uma competência técnica, mas como uma prática crítica e situada. Os autores defendem uma abordagem formativa e transversal, na qual os estudantes são encorajados a desenvolver consciência da complexidade dos processos informacionais, incluindo os fatores sociais, culturais e éticos que os condicionam. Assim, a literacia da informação contribui para formar cidadãos capazes de questionar as fontes, analisar argumentos, identificar manipulações discursivas e tomar decisões fundamentadas, dimensões centrais do pensamento crítico.

Neste sentido, as bibliotecas de Ensino Superior podem deixar de ser vistas como meros repositórios de recursos, assumindo-se antes como espaços de mediação pedagógica, onde se desenham aspetos de aprendizagem crítica e colaborativa. Os clubes de leitura organizados a partir das bibliotecas oferecem um exemplo concreto desta função ampliada. Ao incentivarem momentos de discussão coletiva e interpretativa, estas práticas estimulam nos estudantes a capacidade de argumentar, de escutar ativamente, de acolher perspetivas divergentes e de refletir sobre as implicações ideológicas, epistemológicas e éticas dos textos lidos.

O referencial proposto por Sanches, Antunes e Lopes (2022) apresenta, ainda, uma série de domínios de competência, que vão da identificação da necessidade de informação à comunicação e uso ético dos dados, que podem ser diretamente trasladados ao diálogo nos clubes de leitura. Sobretudo quando estes se orientam por temas socialmente relevantes e obras literárias ou ensaios com potencial reflexivo. Neste contexto, a prática da leitura é acompanhada pelo discernimento das questões sociais, e pela construção de saberes partilhados.

Ao articular o desenvolvimento de competências informacionais com práticas leitoras mediadas pela biblioteca, abre-se caminho para uma formação mais integral dos estudantes, onde o raciocínio autónomo emerge como uma capacidade transversal, exercitada tanto no acesso à informação como na análise dos seus conteúdos e significados.

Iniciativas de apoios institucionais

Reconhecendo o potencial dos clubes de leitura como ferramentas de promoção do pensamento crítico e da cidadania, o Plano Nacional de Leitura 2027 (PNL2027: <https://www.pnl2027.gov.pt/np4/home>) tem vindo a recomendar a criação e dinamização destas iniciativas em diversos contextos educativos. Embora a sua implementação no ensino superior ainda se encontre numa fase inicial e pouco sistematizada, o enquadramento dado pelo PNL2027 constitui um apoio institucional relevante, legitimando estas práticas enquanto estratégias de formação crítica e literária.

Entre os objetivos definidos no documento orientador do PNL2027, destaca-se o compromisso com a formação de leitores críticos e autónomos, capazes de compreender a leitura como uma prática social, cultural e ética. A valorização da leitura partilhada, assim como de ideias e da interpretação colaborativa, pretendem atingir esse objetivo e os clubes de leitura surgem como uma das formas práticas para o concretizar. A menção explícita a clubes de leitura no ensino superior em Portugal (ainda que de forma genérica), abre possibilidades para que bibliotecários, docentes e instituições de Ensino Superior encontrem apoio político e simbólico para investir nestas iniciativas.

Paralelamente, algumas instituições de Ensino Superior em Portugal têm integrado a promoção da leitura e da literacia crítica nos seus planos estratégicos, em articulação com políticas de responsabilidade social e de desenvolvimento integral dos estudantes. A criação de clubes de leitura sob a alçada de bibliotecas universitárias ou de centros politécnicos, centros de investigação ou departamentos académicos tem vindo a consolidar-se como uma resposta inovadora aos desafios da educação contemporânea, nomeadamente no que respeita à fragmentação da atenção, ao consumo passivo de informação e à perda de capacidade argumentativa.

Este reconhecimento institucional permite que os clubes de leitura deixem de ser vistos como meras atividades extracurriculares, passando a ser valorizados como agentes de formação não formal com potencial transformador. A biblioteca de Ensino Superior, enquanto lugar de acesso democrático ao conhecimento e de promoção da literacia informacional, assume aqui um papel central como

mediadora cultural e pedagógica, capaz de promover práticas de leitura que favoreçam este tipo de pensamento, a escuta ativa e o diálogo entre pares.

Neste contexto, urge reforçar os mecanismos de monitorização e avaliação destas práticas em contexto universitário, de forma a consolidar evidências que sustentem a sua replicação e integração mais estruturada nas políticas institucionais e educativas.

Clubes de Leitura no Ensino Superior: Práticas e Resultados

A implementação de clubes de leitura em instituições de Ensino Superior tem demonstrado resultados promissores no desenvolvimento do pensamento crítico. Hales, Hasselquist e Durr (2021) descrevem uma experiência realizada ao longo de quatro semestres em três cursos distintos de formação de professores numa instituição de ensino superior norte-americana. A proposta consistiu na integração de clubes de leitura estruturados em contextos disciplinares, com turmas compostas por mais de quarenta estudantes cada, totalizando cerca de 150 participantes. Apesar de os clubes estarem inseridos formalmente no currículo e de implicarem avaliação, os autores destacam o elevado grau de envolvimento dos estudantes, que manifestaram satisfação com a experiência e consideraram-na significativa para o seu desenvolvimento pessoal e académico.

Os clubes de leitura foram organizados em torno de temas socialmente relevantes, (como racismo estrutural, justiça educativa, inclusão e ética docente), e articularam textos literários com textos académicos. A abordagem metodológica foi abordada mediante a leitura partilhada, a realização de diários reflexivos, análise em pequenos grupos e em debates orientados em sala de aula. Esta configuração permitiu aos estudantes desenvolver a capacidade de escuta ativa, o pensamento argumentativo e a articulação entre experiências pessoais e saberes teóricos, competências reconhecidas como centrais no raciocínio autónomo e fundamentado.

Um aspeto relevante desta prática foi a forma como os estudantes se apropriaram da leitura como uma experiência de construção de sentido partilhado, conectando os conteúdos com os desafios reais das suas comunidades e do futuro exercício profissional. Vários participantes relataram que a leitura coletiva, ao ser mediada por discussões abertas e horizontais, os ajudou a reformular preconceitos, aprofundar posicionamentos éticos e ganhar confiança para intervir criticamente em contextos educativos.

Mesmo no contexto de uma prática formalmente avaliada, o clube de leitura revelou-se um espaço fértil de diálogo e crescimento. Os estudantes valorizaram a oportunidade de refletir em profundidade sobre temas complexos, afastando-se de abordagens meramente técnicas. Para os autores, este tipo de atividade promove um modelo de formação docente mais humanista e crítico, onde a leitura literária funciona como catalisador de consciência social e de responsabilidade ética. Esta experiência reforça a ideia de que os clubes de leitura, mesmo quando integrados em unidades curriculares com critérios avaliativos, podem manter o seu carácter formativo, reflexivo e transformador. O trabalho de Hales, Hasselquist e Durr evidencia, assim, a versatilidade desta prática pedagógica e o seu contributo efetivo para o desenvolvimento de competências críticas entre os estudantes do ensino superior.

Por sua vez, Azevedo (2024) realizou um estudo exploratório centrado nas perceções de estudantes de cursos de educação de uma universidade pública portuguesa sobre a participação em clubes de leitura promovidos no contexto académico. A investigação teve como principal objetivo compreender o papel destas iniciativas na formação leitora dos estudantes e no desenvolvimento de competências críticas, tanto em formato presencial como digital. O autor conduziu entrevistas semiestruturadas e inquéritos por questionário a um grupo diversificado de estudantes que haviam participado, ao longo de vários semestres, em clubes de leitura dinamizados em articulação com a biblioteca da instituição.

As sessões, realizadas presencialmente ou em ambiente virtual (em particular durante o contexto pandémico), centravam-se na leitura partilhada de obras literárias contemporâneas e clássicas, seguida de debates orientados em torno de questões temáticas, éticas e pedagógicas suscitadas pelos textos.

Os resultados evidenciam que os estudantes atribuem grande valor à experiência de participar nestes clubes, não apenas pelo estímulo ao gosto pela leitura, mas sobretudo pelo contributo para a construção de uma identidade leitora mais reflexiva e consciente. Muitos participantes referiram que, ao longo das sessões, passaram a questionar de forma mais sistemática as narrativas e os discursos apresentados nos textos, desenvolvendo uma postura mais crítica face à informação, aos valores culturais e às práticas educativas. Esta capacidade de distanciamento crítico foi frequentemente associada à discussão em grupo, à escuta ativa de perspetivas divergentes e à análise argumentativa dos temas abordados.

Além disso, os estudantes reconheceram o impacto positivo do clube de leitura na sua futura prática profissional, particularmente no que se refere à mediação da leitura em contextos educativos. Ao experimentarem, na condição de leitores, um modelo de leitura colaborativa e problematizadora, muitos manifestaram a intenção de replicar estas dinâmicas em contexto de sala de aula, para assim promover o juízo informado entre os seus futuros alunos.

Outro aspeto relevante da investigação prende-se com a valorização da dimensão digital dos clubes. Embora alguns participantes tenham inicialmente expressado reservas quanto à eficácia das sessões online, muitos reconheceram que os ambientes digitais, quando bem estruturados, também podem favorecer a interação, o debate e a criação de comunidades leitoras, desde que exista intencionalidade pedagógica e mediação qualificada.

Em suma, o estudo de Azevedo demonstra que os clubes de leitura, enquanto práticas de educação não formal integradas no contexto do ensino superior, têm um impacto significativo no desenvolvimento de hábitos de leitura, na formação do pensamento crítico e na preparação para práticas pedagógicas mais reflexivas. Esta evidência empírica reforça a importância de promover e consolidar este tipo de iniciativas nas instituições de ensino superior portuguesas, articulando bibliotecas, docentes e estudantes num esforço conjunto de valorização da leitura e da cidadania crítica.

Por último, Domínguez-Iglesias (2025) documenta a criação e implementação do clube de leitura, promovido pela Biblioteca Professor Luís Mourão da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC), com o tema central: “Distopia Tecnológica e Desinformação”, no contexto do seu plano de dinamização cultural e literária. Esta iniciativa enquadrou-se numa estratégia mais ampla de promoção da literacia crítica e digital, assumindo um duplo propósito: cultivar o gosto pela leitura literária e, simultaneamente, fomentar a análise crítica de fenómenos contemporâneos ligados à cultura digital, à desinformação e à vigilância algorítmica.

O clube foi concebido como um espaço de educação não formal, onde os estudantes eram convidados a ler e debater obras literárias, tanto ficcionais como ensaísticas, que abordavam temáticas como o controlo das massas através da tecnologia, a manipulação da informação, a inteligência artificial e os riscos da hipervisibilidade mediada por plataformas digitais. Títulos como “1984” de George Orwell, “Fahrenheit 451” de Ray Bradbury ou “Gosto, logo existo” de Isabel Meira e Bernardo P. Carvalho foram usados como ponto de partida para discussões orientadas por um mediador, complementadas com excertos de livros sobre a identificação de notícias falsas (literacia mediática), permitiu uma abordagem transdisciplinar.

O clube foi dinamizado ao longo de vários encontros mensais, com sessões de discussão estruturada moderadas por bibliotecários e com a participação de docentes da instituição. Os participantes, maioritariamente estudantes de cursos de educação e artes, eram encorajados a contribuir com leituras críticas, reflexões pessoais e análise de paralelismos entre as obras e a realidade socio-tecnológica atual. Para além do debate oral, alguns alunos participaram na produção de um podcast sobre o próprio clube de leitura promovido por alunas do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico da mesma instituição.

Os resultados obtidos foram expressivos em termos de envolvimento e maturação crítica dos participantes. Os estudantes relataram ter desenvolvido uma maior consciência sobre os mecanismos de manipulação informativa nas redes sociais, sobre a opacidade dos algoritmos e sobre a sua própria vulnerabilidade enquanto cidadãos digitais. O ambiente de leitura partilhada revelou-se fértil para o questionamento de certezas, a desconstrução de narrativas dominantes e a emergência de uma postura ética e informada perante os media. A discussão em grupo foi apontada como um fator-chave no processo de aprendizagem, permitindo confrontar ideias divergentes de forma respeitosa e fomentar uma escuta ativa, imprescindível ao exercício do pensamento crítico.

Domínguez-Iglesias (2025) sublinha ainda o papel estratégico da biblioteca de ensino superior como promotora deste tipo de experiências transformadoras. Ao propor leituras exigentes e socialmente relevantes, a biblioteca transcende a sua função tradicional de apoio técnico e afirma-se como agente de formação cidadã, sensível aos desafios de um mundo digital em constante mutação. Este exemplo ilustra como a articulação entre leitura literária, mediação pedagógica e problemáticas contemporâneas pode criar ambientes de aprendizagem colaborativos e fomentar uma cultura académica mais crítica, democrática e comprometida.

Deste modo, o clube de leitura Distopia Tecnológica e Desinformação constitui uma prática exemplar de como as bibliotecas universitárias podem inovar no plano da mediação leitora, contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento da literacia mediática, a análise fundamentada e da responsabilidade cívica entre os estudantes do ensino superior.

Estes resultados sugerem que os clubes de leitura não apenas promovem o gosto pela leitura, mas também consolidam competências de análise crítica fundamentais numa era marcada pela polarização informativa, pela fragmentação do discurso público e por uma crescente crise de confiança nas instituições democráticas. Ao envolver os estudantes em práticas regulares de leitura partilhada e debate textual, os clubes de leitura estimulam a reflexão autónoma e o questionamento fundamentado, criando um lugar onde é possível articular pensamento, emoção e argumentação de forma construtiva. Esta prática deliberativa, mediada por textos literários e por contextos de escuta ativa, potencia não só a formação académica dos estudantes como também o seu desenvolvimento pessoal e ético, implicando um verdadeiro empoderamento cognitivo.

Este facto manifesta-se na capacidade dos estudantes para interpretar discursos complexos, desconstruir argumentos falaciosos, reconhecer manipulações ideológicas e propor leituras alternativas da realidade. Ao lidar com narrativas literárias que abordam temas como a injustiça social, a vigilância, o poder simbólico ou as tensões culturais, os participantes são convidados a cruzar conhecimentos, a relacionar diferentes domínios e a construir sentido de forma dialógica. Assim, os clubes de leitura não constituem apenas um espaço de fruição cultural, mas um dispositivo formativo que favorece a construção de um olhar crítico e informado sobre o mundo.

Importa ainda sublinhar que a construção de uma comunidade leitora no seio da universidade, baseada na confiança, na escuta e no compromisso partilhado com o conhecimento, contribui significativamente para o desenvolvimento do pensamento colaborativo. Neste contexto, o respeito pela diversidade de opiniões, a valorização das vozes dissonantes e o incentivo ao diálogo intercultural tornam-se práticas educativas centrais. Tais competências são cada vez mais valorizadas num mercado de trabalho globalizado, onde a capacidade de comunicar de forma eficaz, de trabalhar em equipa e de interpretar múltiplas perspetivas culturais é considerada essencial.

Os clubes de leitura, ao reunirem estudantes com origens e experiências diversas, criam também oportunidades para a construção de uma cidadania ativa, sensível às desigualdades, atenta aos mecanismos de exclusão e disposta a transformar pequenas comunidades a partir da reflexão coletiva. Desta forma, contribuem para o reforço de uma cultura universitária mais democrática, plural e crítica, onde a leitura se afirma como instrumento de emancipação e como prática transformadora.

A promoção de clubes de leitura pelas bibliotecas de ensino superior representa uma prática pedagógica inovadora, em que os bibliotecários desempenham um papel central enquanto mediadores neutros, sem a carga avaliativa associada aos docentes. Esta neutralidade permite que os estudantes se sintam mais à vontade para participar, expressar opiniões e partilhar dúvidas ou experiências, sem receio de julgamento. Estudos como o de Lackner, Luxmore e Kneedler-Shorten (2022) demonstram que os clubes de leitura dinamizados por bibliotecários contribuem para reduzir a ansiedade associada à biblioteca universitária, ao mesmo tempo que reforçam o sentimento de pertença e a confiança dos estudantes. Este aspeto é particularmente relevante no contexto do ensino superior, onde os estudantes, sobretudo os internacionais, enfrentam desafios de integração cultural e académica (Penn State-Brandywine Librarians, 2019). Condict-Fagan et al. (2021) sublinham que a relação entre bibliotecários, docentes e estudantes carece de uma maior articulação, sendo o bibliotecário frequentemente percecionado como mais acessível e disponível para apoiar o desenvolvimento de competências informacionais e críticas. Por sua vez, Fundator e Maybee (2019) reforçam o papel dos bibliotecários como promotores de aprendizagem informada, ao facilitarem o contacto ativo dos estudantes com a informação em contextos significativos, como é o caso dos clubes de leitura.

Em Portugal, a prática descrita por Domínguez-Iglesias (2025) o clube de leitura revelou-se como um lugar seguro de construção coletiva de saberes críticos, nos quais a leitura tornou-se um “ato de liberdade” promovido pelo bibliotecário que desenvolveu a função de mediador de leitura. Esta prática coincide com a proposta de Sanches, Antunes e Lopes (2023), ao defenderem que as bibliotecas do ensino superior devem assumir um papel proativo no combate à desinformação e no desenvolvimento do pensamento crítico, mediante programas de literacia da informação centrados nos estudantes. Assim, ao promoverem contextos informais e colaborativos de aprendizagem, os bibliotecários contribuem para a formação de leitores críticos, conscientes e socialmente comprometidos.

Não obstante, deve ser realizado um investimento em formação para que os bibliotecários de Ensino Superior que desejem participar neste tipo de atividade, como mediadores de leitura. A literatura especializada alerta para a necessidade de formação contínua destes profissionais no domínio pedagógico. Lackner, Luxmore e Kneedler-Shorten (2022) demonstram que clubes de leitura organizados por bibliotecários reduzem significativamente a ansiedade dos estudantes relativamente em relação à biblioteca, desde que estes profissionais estejam preparados para facilitar discussões reflexivas num ambiente seguro e acolhedor. Já Condict-Fagan, Ostermiller e Price et al. (2021) mostram que os estudantes percebem os bibliotecários como figuras acessíveis e neutras, o que facilita o diálogo e a escuta mútua, especialmente em comparação com o papel tradicional dos docentes. Contudo, essa percepção apenas se traduz em impacto formativo se os bibliotecários dominarem estratégias de mediação que incentivem a participação crítica e colaborativa.

Neste sentido, Fundator e Maybee (2019) defendem que os bibliotecários devem ser concebidos como “desenvolvedores de aprendizagem informada”, ou seja, profissionais capazes de integrar práticas pedagógicas com a mediação da informação. Essa função exige competências específicas no desenho de atividades de leitura, definição de objetivos críticos e avaliação reflexiva dos processos. Azevedo (2023) reforça esta perspetiva ao defender que a mediação exercida pelas bibliotecas universitárias deve ser entendida como uma prática educativa centrada no estudante, que favorece a autonomia, a escuta ativa e o juízo informado, em vez de apenas fornecer recursos informativos.

Em articulação com esta visão, o estudo de Sanches, Antunes e Lopes (2023) sobre literacia da informação no Ensino Superior em Portugal, sublinha que os bibliotecários, ao integrarem práticas formativas como os clubes de leitura, passam a desempenhar um papel ativo no combate à desinformação e na construção de uma cultura académica mais crítica, ética e reflexiva.

Assim, os clubes de leitura não devem ser encarados como atividades acessórias, mas como práticas educativas com elevado potencial transformador — desde que apoiadas por mediadores qualificados e enquadradas num projeto pedagógico coerente e partilhado pelas instituições de Ensino Superior.

Conclusão

Ao longo deste estudo, ficou patente que os clubes de leitura promovidos por bibliotecas de ensino superior emergem como mecanismos eficazes de promoção do pensamento crítico, da literacia informacional e da cidadania académica. A introdução definiu claramente o contexto contemporâneo de sobrecarga informativa, desinformação e superficialidade cognitiva, sublinhando a urgência de práticas pedagógicas que estimulem a reflexão autónoma e a análise argumentativa.

A fundamentação teórica, sustentada apenas em Paul & Elder (2014) e Saiz (2020), mostrou que o pensamento crítico pressupõe padrões de rigor intelectual e atitudes éticas que vão além das competências cognitivas, incluindo abertura, humildade, coragem e perseverança. Saiz (2020) destaca que o “pensamento crítico eficaz” requer treino deliberado em ambientes que desafiem o conformismo e encorajem a dúvida construtiva. A base teórica reforça assim a lógica de que os clubes de leitura, ao proporem desafios interpretativos e debate reflexivo, funcionam como regimes formativos privilegiados.

A revisão da literatura articulou perspetivas diversas: desde a estratégia metodológica de Azevedo (2023), que projeta os clubes como ambientes reflexivos em sentido amplo, até à abordagem emancipatória de Elmborg (2006) sobre literacia crítica. Os modelos de Daniels e Rosenblatt legitimam a leitura literária como experiência estética e transacional, enquanto Hales, Hasselquist & Durr ilustram o impacto da prática de clubes de leitura em contexto formal. A narrativa de Domínguez-Iglesias (2025) destaca o carácter de resistência simbólica dos clubes diante das narrativas

digitais dominantes. Finalmente, o referencial de Sanches, Antunes e Lopes (2022) liga de forma coerente literacia da informação, mediação bibliotecária e pensamento crítico.

No âmbito das iniciativas institucionais, o reconhecimento formal dado pelo Plano Nacional de Leitura 2027 e por diversos projetos de clubes nas bibliotecas universitárias portuguesas, legitima esta estratégia enquanto política alinhada com objetivos de literacia mediática, responsabilidade social e formação integral. Merece relevo o caráter estratégico destas iniciativas, que posicionam as bibliotecas como espaços de inovação pedagógica, respaldados por financiamento e enquadramento institucional.

A análise das práticas concretas confirma esta lógica. Azevedo (2024) apresentou dados empíricos que sublinham o valor dos clubes de leitura presenciais e digitais como catalisadores de hábitos de leitura e de competências críticas entre estudantes de educação. Os estudantes valorizaram não só o envolvimento pessoal, mas também o impacto na futura prática profissional. A metodologia adotada de debate orientado, leitura em grupo e reflexões escritas, mostrou-se eficaz no fortalecimento do autoconhecimento crítico. Por outro lado, o clube da Biblioteca Professor Luís Mourão da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo (Domínguez-Iglesias, 2025), evidencia como a articulação entre literacia mediática e leitura literária pode fomentar uma resistência consciente contra a desinformação, promovendo diálogos críticos sobre vigilância, tecnologia e cultura digital. Neste contexto, a leitura coletiva constitui-se como espaço libertador da realidade virtual e crítico para a construção de sentido e empoderamento cognitivo.

Em termos de impacto formativo, constatou-se que os clubes de leitura promovem muito mais que o acesso ao livro: eles consolidam capacidades de análise crítica, promovem empatia, pensamento colaborativo e cidadania ativa. Debates literários em ambiente académico potenciam a maturidade intelectual dos estudantes e promovem uma postura crítica sustentável no exercício da cidadania digital.

Adicionalmente, salientou-se a importância de os clubes serem dinamizados pelos bibliotecários, enquanto mediadores neutros. Estudos como os de Lackner et al. (2022), Condict-Fagan et al. (2021) e Fundator & Maybee (2019) demonstram que essa neutralidade reduz a ansiedade associada ao ambiente universitário e favorece maior abertura e participação dos estudantes. Este modelo contrasta com práticas curriculares tradicionais, onde a presença docente e a avaliação podem gerar receio na participação dos estudantes. Em clubes promovidos por bibliotecários, os estudantes sentem-se mais seguros para explorar ideias, partilhar perspetivas e desenvolver pensamento crítico de forma descontraída e reflexiva.

Em síntese, os clubes de leitura promovidos por bibliotecas de ensino superior representam uma proposta pedagógica robusta e transformadora:

- Fomentam o pensamento crítico e literacia mediática em contexto de saturação informativa.
- Fortalecem competências cognitivas, analíticas e colaborativas em ambientes informais.
- Defendem uma leitura estética, transacional e reflexiva, que articula emoção, intelecto e ação.
- Reforçam o papel da biblioteca como agentes de formação cidadã e inovação pedagógica.
- Contribuem para reduzir barreiras institucionais e promover inclusão e protagonismo estudantil.

Com base nestes princípios e evidências, recomenda-se que as instituições de ensino superior em Portugal invistam na implementação e sistematização dos clubes de leitura como instrumento estratégico de literacia crítica e transformação académica. Torna-se essencial combinar apoio institucional (como o PNL2027), mediação qualificada por bibliotecários, conteúdos literários

adaptados e metodologias dialogais para consolidar estes espaços como referências académicas. Em última análise, ao facilitarem leitura, diálogo e autonomia interpretativa, os clubes de leitura ajudam a formar cidadãos reflexivos, analíticos e culturalmente conscientes — a resposta educativa robusta que cabe às bibliotecas universitárias no século XXI.

Bibliografia

- Association of College & Research Libraries. (2022). *Referencial da literacia da informação para o ensino superior: Versão portuguesa* (T. Sanches, M. L. Antunes, & C. Lopes, Trans.). Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Profissionais da Informação e Documentação. <http://hdl.handle.net/10451/57509>
- Azevedo, F. (2023). Práticas de promoção da leitura no Ensino Superior: A estratégia metodológica dos Clubes de Leitura. In P. Costa & A. B. Vieira (Orgs.), *Práticas de leitura e educação literária 1* (pp. 63–73). Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Instituto de Educação, Universidade do Minho. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/88121/1/Livro_Pra%CC%81ticas%20de%20leitura%20e%20educac%CC%A7a%CC%83o%20litera%CC%81ria%201.pdf
- Carr, N. G. (2011). *Superficiais: O que a internet está a fazer com os nossos cérebros* (M. S. Duarte, Trad.). Temas e Debates / Círculo de Leitores.
- Fagan, J. C., Ostermiller, H., Price, E., & Sapp, L. (2021). Student perceptions of academic librarians and the librarian–faculty–student dynamic: Minding our gaps. *New Review of Academic Librarianship*, 28(2), 125–171. <https://doi.org/10.1080/13614533.2021.1906717>
- Daniels, H. (2002). *Literature circles: Voice and choice in book clubs and reading groups* (2nd ed.). Stenhouse Publishers.
- Domínguez-Iglesias, C. (2025). Vigilância, dados e desinformação: O clube de leitura como exercício de resistência. *Sinergias – Diálogos Educativos para a Transformação Social*(19). <https://sinergiased.org/vigilancia-dados-e-desinformacao-o-club-de-leitura-como-exercicio-de-resistencia/>
- Elmborg, J. (2006). Critical information literacy: Implications for instructional practice. *The Journal of Academic Librarianship*, 32(2), 192–199. <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2005.12.004>
- Freire, P. (1981). *A importância do ato de ler*. Congresso Brasileiro de Leitura.
- Fundator, R., & Maybee, C. (2019). Academic librarians as informed learning developers. In *Informed learning applications* (Vol. 46, pp. 81–94). Emerald Publishing. <https://doi.org/10.1108/S0065-2830201946>
- Hales, P. D., Hasselquist, L., & Durr, T. (2021). Using book clubs to support inquiry in teacher education. *Networks: An Online Journal for Teacher Research*, 23(1). <https://doi.org/10.4148/2470-6353.1348>
- Lackner, J., Luxmore, R., & Kneeder-Shorten, X. (2022). Book clubs as means of reducing library anxiety. *iSchool Capstone Project*, University of Washington.
- Paul, R., & Elder, L. (2014). *The miniature guide to critical thinking: Concepts and tools* (7th ed.). Foundation for Critical Thinking. https://www.criticalthinking.org/files/Concepts_Tools.pdf

Plano Nacional de Leitura 2027. (2017). *Resolução do Conselho de Ministros n.º 48-D/2017, de 3 de março: Leituras para todos – Plano Nacional de Leitura 2027*. República Portuguesa.
<https://www.pnl2027.gov.pt/>

Rosenblatt, L. M. (1995). *Literature as exploration* (5th ed.). Modern Language Association.

Saiz, C. (2020). *Pensamiento crítico y eficiencia*. Editorial Pirámide.

Sanches, T., Antunes, M., & Lopes, C. (2021). Improving information literacy in higher education in an unorthodox way: The literature potential for ACRL Framework application. In *Western Balkans Information and Media Literacy Conference 2020: Information literacy: Know it, teach it, live it* (pp. 33–42).

Penn State Brandywine Librarians. (2019). Building bridges with book club: Supporting international students' comfort and belonging on campus. *C&RL News*.
<https://crln.acrl.org/index.php/crlnews/article/view/24049/31758>